

# INDEPENDENTE

Typographia,  
Impressão e Administração  
RUA DA RAINHA, 120

GUIMARÃES, DE 7 JULHO DE 1907



Condições d'assignatura  
Anno, 1\$200; com estampilha 1\$500. Africa e Brazil, 3\$000 reis.  
Publicações—Anuncios e communicados, por linha 40 reis, repetições 20 reis.

Director e proprietario—Antonio José da Silva Basto Junior

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

## CONFRONTOS

### Camara Municipal de Guimarães

“A Camara de Guimarães muito magoada pelos tristes acontecimentos do penultimo domingo, julga de seu imprescindivel dever consignar na acta um voto de profundo sentimento pelos ultrages e offensas feitas aos artistas do Porto, nossos hospedes, por alguns individuos d'esta cidade.,”

(Moção apresentada pelo vereador snr. dr. Antonio Baptista Leite de Faria e approvada em sessão de 5 de maio de 1901).

### Camara Municipal do Porto

“A Camara municipal do Porto, em resposta ao officio da illustre vereação de Guimarães, envia-lhe os protestos da sua muito elevada estima e consideração. E quanto aos acontecimentos do dia 17 do corrente declara-se inteiramente estranha a elles, visto não ter tido a menor intervenção nas causas que os produziram e abstem-se de os apreciar.,”

(Moção apresentada pelo vereador snr. Correia Pacheco e approvada em sessão de 27 de junho d'este anno).

#### A MOÇÃO DA CAMARA DO PORTO

Em resposta á moção que a nossa camara municipal unanimemente votou em 19 do mez passado, affirmando o seu desgosto pelos acontecimentos de que foram victimas no Porto alguns dos nossos mais respeitaveis concidadãos, approvou a Camara municipal do Porto, por proposta do vereador Correia Pacheco, a seguinte:

#### MOÇÃO

«A camara municipal do Porto em resposta ao officio da illustre vereação de Guimarães, envia-lhe os protestos da sua muito elevada estima e consideração.

E quanto aos acontecimentos do dia 17 do corrente, declara-se inteiramente estranha a elles, visto não ter tido a menor intervenção nas causas que os produziram, e abstem-se de os apreciar.»

D'este curioso documento infere-se que não foi a Camara do Porto quem mandou enxovalhar nas ruas d'essa cidade os cidadãos de Guimarães e d'outras terras da provincia no memoravel dia 17 de junho.

A Camara do Porto não tomou collectiva e officialmente a deliberação de promover aquellas lamentaveis occorrencias.

E porque assim succedeu, a Camara abstem-se de as apreciar.

Procedeu mal a Camara do Porto.

Se alguém sahii emporcahhado dos acontecimentos do dia 17 não foram certamente as victimas, mas sim a cidade do Porto.

Não ha nem póde haver justificação ou attenuante para a villania de semelhante acção.

O Porto orgulha-se de ser uma cidade liberal e hospitaleira. A forma, porem, porque centos de cidadãos de todo o norte do paiz alli foram recebidos e tratados pela canalha das suas ruas, desmereceu-a n'esse conceito.

E desmereceu-a tanto mais quanto é certo que no dia immediato ao do attentado uma parte da imprensa portuense celebrou com as melhores pompas do seu estylo a *grande façanha*, reclamando para a cidade liberal a responsabilidade dos factos praticados, como novo e honroso padrão de gloria que conviesse não passar ao esquecimento.

Para essa imprensa, verdadeiramente tresloucada, os factos occorridos não foram d'aquelles que repugnam immediata e incondicionalmente a qualquer consciencia limpa.

A acção foi digna do Porto; e o Porto honrava-se em responder por ella.

Por honra do Porto, a quem esta cidade consagrou, e ainda hoje, e apesar de tudo, consagra grande sympathia, fomos nós dos primeiros a

protestar contra a falsidade d'essa affirmação.

Não. O Porto honrado e digno não applaudiu os acontecimentos de 17 de junho: ao contrario, repeliu indignado qualquer especie de solidariedade com os seus auctores e instigadores.

Competia pois, n'estas circunstancias, á Camara do Porto dizer da sua justiça.

A moção da nossa camara, nos termos da mais perfeita correcção, dava-lhe ensejo, já que expontaneamente o não fizera, a pronunciar-se, cortando rente a questão e fazendo desaparecer uma causa que mais ou menos perturba as boas relações das duas cidades.

Não o quiz fazer a Camara do Porto; e procedeu mal.

Hoje a responsabilidade dos factos vergonhosos a que nos referimos e das suas consequencias pertence mais á Camara do Porto, do que á ralé infima que cobriu d'apupos, de vaias e de insultos cidadãos pacíficos e dignos de respeito.

Não foi ella, como corporação official e representante mais legitima da cidade, quem directamente promoveu ou incitou os factos criminosos.

Mas, conhecendo-os, não se sentiu magoada, não se revoltou, não se indignou nem reprovou acontecimentos passados nas suas ruas, que deshonram a cidade que ella representa e que toda a gente

digna e sinceramente liberal justamente verberou.

A Camara do Porto não zelou a honra da cidade nem defendeu os seus interesses, permitindo que entre o Porto e as diferentes cidades e villas do norte, que com ella estão em estreitas relações commerciaes se estabeleça e medre uma indisposição que não póde para uma e outras ser indifferente.

A Camara do Porto, ao tomar a sua resolução no caso sujeito, não se desprende da paixão politica pessoal de cada um dos seus membros.

A approvação tacita que ella acaba de dispensar ás sujas occorrencias do dia 17 só é explicavel por uma de duas razões: ou cumplicidade ou inqualificavel fraqueza.

A Camara affirmava ser extranha e não ter a menor intervenção nas causas que produziram os vergonhosos acontecimentos.

Poderá fazer porem igual affirmação individualmente cada um dos seus membros?

Mas se não foi cumplice, foi então medrosa.

A Camara do Porto não teve a coragem de prescindir da réles popularidade da canalha das ruas, e de pôr a honra e o brio da segunda cidade do reino acima do receio de malquistar-se com a meia duzia de mandantes e instigadores d'essa canalha.

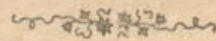
Uma corporação assim não honra as cadeiras do municipio

da mais modesta povoação sertaneja.

A Camara do Porto, em face d'esta questão, não reflectiu os sentimentos bons e generosos da cidade, nem honrou as suas tradições liberaes e hospitaleiras.

A Camara do Porto presenceou o insolito attentado; mas abstem-se de o apreciar.

A honra da cidade, se os seus mais briosos e dignos cidadãos se não juntam para a defender, fica á mercê da canalha das ruas e de meia duzia de politicantes sem consciencia.



#### CONFRONTOS

(Dedicados a ex.<sup>ma</sup> Camara municipal do Porto)

Nos primeiros dias de março de 1901 levantou-se no Porto uma questão, que em breve se reflectiu em todo o paiz.

Os attentados contra as casas religiosas, os protestos e contra-protestos que a proposito d'ellas se formularam, o estado de intensa excitação de espirito publico por toda a parte, são factos recentes e ainda muito vivos na memoria de todos.

Em Guimarães a noite de 5 de março d'esse anno assignalou-se por actos de hostilidade contra duas casas d'ensino dirigidas por congregações religiosas.

Aqui, como em toda a parte, as opiniões dividiam-se.

Se havia quem olhava com approvação ou indifferença essas manifestações, não faltava tambem, e em grande numero, quem as estigmatizasse e formalmente desaprovasse.

**Não nos esqueçamos do que certa imprensa portuense disse de nós:**

«Braga, Barcellinhos, Guimarães, enviaram ao Porto todos os seus respeitáveis fosseis políticos, em rabona, em frak, em sobrecasaca.»

(Diario da Tarde de 17 de junho.)

«os sertanejos que vinham á nossa terra para fingir de tripeiros.»

(Voz Publica de 18 de junho.)

«... tinham a audacia impertinente e idiota de passearem por essas ruas as suas nullidades de chapéu alto.»

(Jornal de Noticias de 18 de junho.)

**Não nos esqueçamos de que certa imprensa portuense disse do Porto:**

«Desaffronta-se a cidade liberal—Ella corresponde mais uma vez ao que o paiz esperava—Viva a cidade do Porto!»

(Voz Publica de 18 de junho.)

«Uma eloquente demonstração de que se não apagaram as energias civicas dos portuenses.»

(Primeiro de Janeiro de 18 de junho.)

«que o Porto não consente, não permite, sob pena de um castigo exemplar, a audacia impertinente de passeiaram (os provincianos) por essas ruas as suas nullidades de chapéu alto.»

(Jornal de Noticias de 18 de junho.)

Queremos fixar este estado de espirito publico para se bem comprehender o facto que vamos narrar.

A 5 de maio d'esse anno veio a Guimarães um grupo d'operarios do Porto tomar parte na festa d'uma associação de classe.

Segundo o que constava, os operarios portuenses perfilhavam em materia religiosa ideias contrarias ás de muitos dos artistas de Guimarães.

Não deixavam elles de manifestar publicamente essas ideias, e de nos discursos e vicorios que sempre acompanhavam estas festas as affirmarem por forma, por ventura menos conveniente e respeitosa para quem professasse opiniões diferentes.

D'aqui resultou que a certa altura, alguns artistas vimaranenses, suppondo-se provocados e desrespeitados nas suas convicções religiosas, envolveram-se em conflicto com os operarios do Porto.

A auctoridade interveio cumprindo a sua missão apaziguadora; e tudo acabou para uns e para outros sem consequencias corporaes de maior.

Pois bem. Os operarios do Porto não vieram a Guimarães como representantes ou procuradores do Porto. Representavam apenas as suas pessoas n'uma patuscada domingueira, como as que fazem a cada passo.

A gente de Guimarães tinha sobejos motivos para não gostar que a sua casa viessem homens, com ares de menos consideração, com vicorios impertinentes que significavam uma desapprovação ás convicções de muitos dos seus habitantes.

—Os excessos, se então os houve commettidos por alguns individuos de Guimarães, eram facilmente comprehensíveis dada a situação especial do espirito publico, n'aquella epoca em que era ainda intensa a effervescencia motivada pela questão religiosa.

Pois apesar de tudo, a Camara municipal de Guimarães na sua sessão de 15 de maio, por proposta de sr. vereador Leite de Faria approvou a moção que vamos transcrever:

«A Camara de Guimarães muito magoada pelos tristes acontecimentos do penultimo domingo, julga de seu imprescindivel dever consignar na acta um voto de profundo sentimento pelos ultrages e offensas feitas aos artistas do Porto, nossos hospedes, por alguns individuos d'esta cidade.»

Não foi preciso que alguém lh'o suggerisse ou reclamasse.

Fêl-o espontaneamente. E fel-o apesar de tudo, e fel-o apesar e ate contra a opinião d'uma parte da cidade.

Mas fel-o por honra das suas tradições hospitaleiras, por hora

de seu bom nome de terra trabalhadora e honrada que ella sempre procurou e procura manter.

Que faz na presente conjunctura a Camara do Porto?

«A Camara municipal do Porto, em resposta ao officio da illustre veredação de Guimarães, envia-lhe os protestos da sua muita elevada estima e consideração. E quanto aos acontecimentos do dia 17 do corrente declara-se inteiramente estranha a elles, visto não ter tido a menor intervenção nas causas que os produziram e abster-se de os apreciar.»

Veja e compare a Camara do Porto.

**TRANSCRIPÇÕES**

Transcrevemos de A PALAVRA as seguintes referencias aos acontecimentos do dia 17. Era nossa vontade dar hoje os nomes dos negociantes portuenses que assignaram os officios dirigidos ao Club dos Fenianos e ao Centro Commercial.

Não nos foi possível obtel-os a tempo. Ficará para o proximo numero, onde tambem daremos em typo bem legivel os nomes dos principaes signatarios do protesto contra a ida do sr. Conselheiro João Franco ao Porto.

Isto para governo dos negociantes vimaranenses que precisam de conhecer quem os estima e quem provavelmente tomou parte nos insultos que lhe foram dirigidos.

**O sr. Guimarães no Porto**

«Pum! pum! pum... Grave e serio seguia o sr. Guimarães em direcção á casa de um amigo, e ao ouvir aquelle estribilho burlesco pôde notar que era alvo de atencções equivocas.

—Perdão eu...  
—Você não tem dinheiro para carro?  
—Eu não tenho que...  
—Pum, pum, pum!  
—O cavalheiro é...  
—Você é que vae encher a barriga a casa do seu amigo?

—Perdão, o cavalheiro está a insultar-me injustamente, pois que eu chamo-me Affonso Henriques Guimarães, e tenho a consciencia da dignidade da minha pessoa e posso affirmar nunca ter commettido a mais leve falta em casa alheia e menos ainda ter abusado da hospitalidade que offereço ou me é pedida para amesquinhar os meus hospedes. Eu não tenho a honra de o conhecer e portanto não sei a que attribuir as suas injustificadas vaias ou chutas,

—Faze te de novas e dize que me não conheces... Eu sou o Porto!

—Deve ter mudado muito para que eu o ache tão mudado, mas... emfim: deve realmente estar em sua casa para que assim se atreva...

—Pum, pum, pum! fóra o codea! Vae encher a barriga que tens fome... olha... Pega lá!...

—Sujou as mãos para me sujar a roupa. Deito-a fóra e fico limpo, outro tanto não acontece ao sr. Porto...

Muitas vezes em grande confusão e balburdia:

—Viva o Porto! viva a liberdade! viva a re...

Uma voz:

Está preso!

O sr. Porto, qual rafeiro de orelhas caídas e rabo entre pernas, lá caminha para a esquadra.

No dia seguinte.

O chefe de policia:

—Como se chama?

—José Porto.

—Edade?

—Pouco mais ou menos 20 annos.

—Profissão?

—Vivo dos meus rendimentos.

—106, tem alguma testemunha sobre a prisão d'este homem?

—Não, meu chefe.

—Conhece o preso?

—Não, meu chefe.

—Será conhecido cá na casa?

—Não sei.

—Chame o velho guarda *Bom senso*.

—Já se sabe porque este homem foi preso. Conhece o queixoso?

—Muito bem. E' o sr. Guimarães, homem de bem ás direitas, fidalgo da mais antiga linhagem de Portugal e que, apesar de contar muitas gerações, ainda hoje póde ser considerado o primeiro entre os primeiros.

—Conhece o preso?

—Como os meus dedos.

—Então tem cadastro?

—Enche um archivo. Já lhe tenho deitado a mão um cento de vezes por vadio e outras *prendas*. O Zé Ruas é muito conhecido cá na casa.

—Eu não sou Zé Ruas, chamo-me José Porto.

—E' falso meu chefe; elle é o Zé Ruas e nunca ninguem o conheceu por outro nome. Se agora mudou foi para illudir a boa fé de toda a gente.

—*Bom senso*, conduza o preso ao tribunal... da opinião publica.»

**Finda os acontecimentos de 17 do corrente**

«Os desgraçados incidentes que se deram n'esta cidade, por oc-

cação da vinda do sr. presidente do conselho, estão tendo as consequencias que eram de esperar.

A reacção nas provincias é enorme contra aquelles que tão grosseira e inopinadamente receberam os que aqui vieram num legitimo direito, deslustrando a antiga fama que o Porto vinha gosando de cidade fidalga e hospitaleira.

Ha dias, em Braga, um conhecido collega nosso já se viu em palpos de aranha e ao que nos consta não será este o ultimo caso.

A dentro da cidade, tambem a reacção se vae fazendo, e muito justamente.

Assim, acaba de ser entregue á direcção de Club Fenianos, e assignado por um grupo de socios, o seguinte requerimento:

*Ex.<sup>ma</sup> Direcção do Club Fenianos Portuenses.*—Os lamentaveis acontecimentos que se desenvolveram n'esta cidade por occasião da visita do ex.<sup>mo</sup> sr. presidente de conselho de ministros, feriram por tal forma os brios e o bom nome da capital do Norte, que affectaram os espiritos cultos e reflectidos dos seus homens de bem, amigos da ordem e do respeito reciproco, que devem ser apanagio de uma cidade civilisada. Tudo quanto se passou, consequencia do desvairamento dos dirigentes politicos das diversas facções, deu tão deprimente prova de desprimor e cdesortezia para com tantos centenaes de hospedes, que aqui vieram prestar a homenagem do seu respeito e consideração ao chefe do governo, que o commercio d'esta cidade, primeiro do que qualquer outra entidade, é aquelle que já começou a sentir os effeitos da justificada represalia das provincias, sendo todavia certo que essa classe é aquella que, não só pelos seus interesses, como e principalmente pela sua indole pacifica e hospitaleira, procura smprs bem receber todos aquelles que os visitam e lhes dão constantes provas de estima e de preferencia, favores a que o commercio do Porto tem procurado sempre corresponder.

Ora sendo a divisa d'este patriotico Club «Pelo Porto», é pelo Porto que se torna absoluta e immediatamente necessario que se procure desfazer o mau effeito que no espirito de todos causou o insolito procedimento dos assalariados para a arruaga e troça de que foram victimas não só os nossos hospedes, como muitissimos cidadãos portuenses e é por isso que nos dirigimos a v. ex.<sup>aa</sup> pedindo-lhes que se dignem tomar a iniciativa do desaggravo a todos os cavalheiros que foram victimas dos deploraveis desmandos a que assistimos.

Estamos certos de que na alma de v. ex.<sup>aa</sup> encontrarão echo as palavras que aqui deixamos escriptas e que não se fará tardar a intervenção do Club dos Fenianos, com o que juntará mais um nobre florão á corôa de gloria que encima a sua nobilissima divisa.

E quanto v. ex.<sup>aa</sup> façam será «Pelo Porto» e só pelo Porto.

Mais nos consta que ao Centro Commercial vae ser tambem entregue o seguinte officio, assignado por um numeroso grupo de socios d'aquella prestante e benemerita collectividade:

*Ex.<sup>ma</sup> Direcção do Centro Commercial do Porto.*—Os deploraveis desmandos que se deram n'esta cidade por occasião da visita do ex.<sup>mo</sup> presidente do conselho, feriram por tal forma os brios e o bom nome da capital do Norte que todos os espiritos cultos e sensatos reprovam com indignação esses bem tristes e lamentaveis acontecimentos.

Tudo quanto se passou, consequencia dos desvairamentos dos dirigentes politicos das diversas facções, deu tão deprimente prova de desprimor para com os nossos hospedes, que aqui vieram, no uso incontestavel d'um direito, prestar homenagem de consideração ao chefe do governo, que o commercio d'esta cidade, como todos os seus homens de bem, entendem preciso e inadiavel que lhes seja affirmado que a cidade do Porto, na sua parte sensata e digna, altivamente desaprova e protesta contra tal desprimor.

Ao Centro Commercial do Porto como representante do commercio d'esta nobre cidade, nos dirigimos, pedindo-lhe que immediatamente, elle procure desfazer o mau effeito, que no espirito de todos causou o ignobil procedimento dos assalariados e seus mandantes.»

**O PORTO E OS SEUS HOSPEDES**

A proposito dos acontecimentos de 17 de junho—Uma iniciativa digna de louvor.

Não ignora ninguem, por este Portugal fóra, os lamentaveis acontecimentos occorridos no dia 17 de junho os quaes foram fructos mas d'um estado d'espirito que bem prova quanto póde descer e rebaixar-se quem se deixa cegar pela paixão politica.

Deram-se n'aquella dia factos que não só provaram a desorientação de muitos espiritos, mas até feriram as tradições nobres e fidalgas da cidade do Porto, que não é classicamente apenas a cidade do trabalho e da liberda-

Agradecimento

O abaixo assignado, ex-ponto da Companhia Dramatica Caetano Pinto, vem por este meio agradecer á Digna Associação Commercial a coadjuvação para o seu beneficio. Igualmente agradece á Philarmónica Boa União, e a todos os seus collegas da Companhia que tão generosamente o ajudaram. A todos, publicamente, se confessa reconhecido.

Alfredo dos Santos,

EDITAL

A CAMARA MUNICIPAL DA CIDADE E CONCELHO DE GUIMARÃES

2.ª Publicação

Faz saber que no dia 17 do proximo mez de Julho pelas 12 horas da manhã nos Paços do Concelho tem de arrematar-se em hasta publica:

A obra do prolongamento da rua de Paio Galvão—primeira empreitada que consiste em terraplenagens e aqueductos, sob a base de licitação de 3:160\$000 rs.

Idem, da estrada concessão n.º 13 de Lordello ao Bom Jesus—Lanço das Taipas a Santa Cristina de Longos, parte comprehendida entre os perfis n.º 55 e 61—que consiste em terraplenagens aqueductos e muros, sob a base de licitação de 210:105 rios.

Não havendo arrematantes voltam á praça nas sessões immediatas.

As condições estão patentes na Secretaria da Camara para serem examinadas pelos interessados.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser affixados nos logares mais publicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 25 de junho de 1907. E eu José Maria Gomes Alves, Secretario da Camara o subscrevi.

O Vice-presidente da Camara, João Gualdino Pereira.

EDITAL

2.ª Publicação

A CAMARA MUNICIPAL DA CIDADE E CONCELHO DE GUIMARÃES

Faz publico que pretende arrendar casas nas freguezias de S. Sebastião, Ronfe e Creixomil especialmente destinadas aos exercicios escolares d'instrucção primaria official e habitação dos respectivos professores, pelo que convida os proprietarios que tenham casas em condições para os fins alludidos a declararem-n'o na Secretaria Municipal, até ao dia 10 do proximo mez de julho.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ser affixados nos logares mais publicos. E eu José Maria Gomes Alves, Secretario da Camara o subscrevi.

Guimarães, Paços do Concelho, 20 de junho de 1907.

O Vice-presidente da Camara João Gualdino Pereira.

CORREIO DAS SALAS

Desde o penultimo sabbado, 29 de junho, que se encontra em Vizella, hospedado no Hotel Universal, o sr. conselheiro José Novaes, illustre ministro d'estado honorario.

Os nossos cumprimentos.

Acompanhado de sua ex.ª familia partiu para as Caldas das Taipas o sr. dr. Luiz Alves Pinheiro Torres, presidente da Camara Municipal do conselho de Paços de Ferreira.

Chegou de novo ao seu solar de Paço o sr. conde de Paço Vieira.

Das Caldas de Vizella, onde esteve em tratamento, regressou a Fafe, o nosso querido amigo sr. commendador dr. Arthur Vieira de Castro.

Vimos n'esta cidade, de regresso de Ferreira, o sr. Abilio Severiano de Magalhães Brandão, digno recebedor d'aquelle concelho e nosso estimado conterraneo.

De Vizella regressou ao Porto o conhecido clinico d'aquelle cidade sr. dr. Manoel Bernardo Birra.

Está em Caldellas o rev. Padre Antonio José Correia Ramalho, que durante muitos annos parochiou a freguezia de Villa Nova das Infantas, d'este concelho.

Regressou de Lisboa a Braga o sr. conselheiro Manoel Ignacio d'Amorim Novaes Leite, muito digno governador civil d'este districto

Acompanhado de sua ex.ª familia encontram-se desde ha dias em Vizella os snrs Bernardino Alves da Fonseca e Henrique da Fonseca Soares, de Feigueiras.

Está em Mondaris acompanhado de sua ex.ª esposa o nosso amigo sr. dr. Antonio Maria Pinheiro Torres, digno delegado do Procurador Regio na comarca de Villa do Conde.

De Vizella regressou a Oliveira d'Azeiteis o sr. dr. Manoel Ferreira da Costa Amador Valente, distincto advogado d'aquella villa.

Tem estado entre nós o abastado capitalista e nosso estimado conterraneo residente em Lisboa sr. José Ferreira da Cunha.

Esteve em Vizella, de visita ao sr. D. Manoel Baptista da Cunha, monsenhor Francisco Xavier da Cunha, secretario particular do illustre Arcebispo Primaz.

Acompanhado de sua ex.ª familia partiu na quinta-feira para a Povoa de Varzim o nosso amigo sr. Manoel Martins Barbosa d'Oliveira, digno provedor da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade.

AGRADECIMENTO

O abaixo assignado, extremamente penhorado para com todas as pessoas que, no periodo da doença da sua esposa Thereza Maria da Costa Cosme, se dignaram interessar pelo restabelecimento da sua saude, na impossibilidade de o poderem agradecer pessoalmente, vem por este meio patentear a sua innulvidavel gratidão.

Guimaraes, 5 de julho de 1907.

Manoel Alves da Silva Cosme

Banco de Portugal

Está aberto o pagamento do dividendo das acções d'este Banco relativo ao primeiro semestre do corrente anno á rezão de 3\$000 por acção.

O pagamento effectua-se todas as quartas e sextas-feiras d'esde as 9 horas da manhã á 1 da tarde.

Guimarães, 2 de julho de 1907.

O correspondente, Eduardo M. d'Almeida.

PORTUENSES LIBERAES

Os portuenses liberaes não gostavam que viessem a sua casa homens que tinham ideias diferentes.

(Palavras de sr. dr. Nunes da Ponte, por occasião de ser apresentada a moção do sr. Correia Pacheco em resposta a um officio da Camara de Guimarães)

I—OS PORTUENSES LIBERAES—Foram, segundo o sr. dr. Nunes da Ponte, os portuenses liberaes aquelles que se andaram manifestando nas ruas do Porto. Os portuenses liberaes são uns bodalhõs. São no p-lo menos, aquelles a que o sr. dr. Nunes da Ponte se refere, e que nós vimos apanhando o esterco das bestas, —o proprio esterco— para arremeçarem a individuos que cometiam o crime de andar nas ruas do Porto de chapéu alto. Os portuenses liberaes, antigamente, batiam-se nas linhas a tiro. Os portuenses liberaes agora acommettem nas ruas com estrume nas mãos. São como o imperador Constantino V, cognominado o cavallino, o seu melhor perfume é o excremento de cavallo. Que lhes preste.

II—A SUA CASA— O sr. dr. Nunes da Ponte intende que as ruas do Porto são propriedade dos portuenses liberaes. O sr. dr. Nunes da Ponte vae até mais longe e diz que as ruas do Porto são a casa d'elles. Os liberaes portuenses são, pois, gente sem eira nem beira, gente sem morada certa, que vive ao Deus dirá e dorme onde acontece, sobre um banco ou no vão de uma porta. A rua só é casa dos individuos que não tem outra. De resto a rua tanto é dos portuenses, liberaes ou não, como as provincianos que vão ao Porto, a maioria das vezes para enriquecer ou pelo menos para ajudar a viver os seus negociantes. O sr. dr. Nunes da Ponte teve convencer-se d'isto.

III—NÃO GOSTARAM—Os portuenses liberaes não gostaram que homens de ideias diferentes viessem ao Porto. Os portuenses não são que sejam liberaes apenas por alcunha, escarinhia, não tinham que gostar ou deixar de gostar. Quem foi ao Porto tel-o no pleno uso de um direito incontestavel. As scenas vergonhosas que tanto teem da o que fallar succederam-se nas ruas, quando os provincianos voltavam de uma manifestação de boa-acolhida ao sr. conselheiro João Franco, feita exclusivamente na gare de S. Bento. Estes cavalheiros seguiam absolutamote tranquillios e apenas os portuenses liberaes (na versão do sr. dr. Nunes da Ponte) ou a canalha (na nossa versão) poderam distinguil-os pelo seu traje de sobrecasaca. Alguns que tinham comparecido sem essa toilette escaparam ao ultrage; tal como outros assim vestidos que lá não tinham ido se viram victimas do garotio (segundo nós) dos portuenses liberaes segundo o sr. dr. Nunes da Ponte).

IV—HOMENS QUE TINHAM IDEIAS DIFFERENTES— O sr. dr. Nunes da Ponte diz que os portuenses liberaes não gostaram de que fossem ao Porto homens que tinham ideias diferentes. Puro engano. De quem os portuenses liberaes (que andavam pela rua a apanhar dejectões de cavallo) não gostaram foi de individuos que tinham fato diferente. A maioria de taes portuenses liberaes appareceu em mangas de camisa e com os fundilhos a despregar. Custava-lhe vêr pessoas um pouco melhor trajadas —a inveja é um grande mal— e possuidoras de 3\$000 reis para gartar num jantar —a vontade de comer é uma má conselheira— Por isso

berraram, por isso barafustaram, por isso ameaçaram com o esterco das bestas—o proprio esterco—a quem tranquillamente seguia o seu caminho. Foi tudo uma questão de fato e uma questão de estomago. Uma questão de ideias nunca. D'ora avante fica a provincia sabendo, porque lho disse bem claramente o sr. Nunes, que os portuenses liberaes não gostam de quem tem ideias diferentes. E, como é provavel que os portuenses liberaes embirrem tambem com o dinheiro dos que teem ideias diferentes, o melhor será dal-o aganhar a outra gente, aos commerciantes de Lisboa, por exemplo.

EPHEMERIDES INEDITAS

JULHO

Dia 7

1621—O provedor da comarca notifica á camara o alvará regio para que deixe o arcebispo D. Affonso Furtado de Mendonça visitar pessoalmente a igreja da collegiada, e as mais igrejas por elle ou seus visitantes.

Dia 8

1663—O conde de S. João, estando em Ponte do Lima, escreve ao D. Prior para que mande marcar immediatamente as duas companhias dos privilegiados de N. Senhora da Oliveira, porque o inimigo sahia com muita pressa e numerozo exercito, e por tal motivo precisava valer-se de tudo que havia na provincia mas ainda do soccorro das outras.

Dia 9

1881—Tomá passe o escrivo de fazenda, José Augusto Freire d'Andrade.

Dia 10

1889—A camara resolve crear no ultimo domingo de junho e coincidindo este com o dia de S. João ou S. Pedro no sabbado anterior, uma feira franca e um concurso de bois gordos e de cavallos nacionaes, com dois premios de 50\$000 reis e dois de 25\$000 reis.

Dia 11

1730—Provisão regia confirmando o prazo da segunda botica á porta principal da alfandega, a primeira em que se recolhiam os gallegos, feito pela camara a Antonio Fernandes da Silva e mulher Anna de Araujo d'esta villa, por serem mestreiras do peixe que se vendia na villa.

Dia 12

1636—Breve do papa Urbano 8º para na collegiada não serem admitidos nos seus canonicos os descendentes de herejes mouros, hebreus e judeus, mas antes da admissoo de qualquer eccllesiastico para elles se lhe fizesse a inquirição testemunha de puritatis sanguinis.

Dia 13

1665—Miguel Dias Feio faz termo de declaratorio perante o doutor provedor em como não era padroeiro do altar de Santa Anna na collegiada, nem obrigado a fabrical'o, somente a mandar dizer n'elle trez annos de missas e que tinha ali junto suas sepulturas de que uzava como o fizeram seus ante cessoros.

J. L. de F.

Parabens

Fazem annos desde o dia 8 a 14 de Julho

A ex.ª sr.ª:

- Dia 8—D. Maria José Ribeiro Meirelles de Freitas;
- » 9—D. Anna C. de Castro Magalhães Ferraz;
- » 10—D. Maria do Espirito Santo;
- » 11—D. Maria do Carmo Lemos da Cunha;
- » 12—D. Emilia Augusta de Castro Meirelles Rides Freitas;
- » » —D. Maria do Carmo Dias.

E o sr.:

- Dia 10—Dr. Fernando Rodrigues de Mattos Chaves;
- » 14—Adelino Ribeiro Jorge.

de,—é tambem a cidade cordealmente e lealmente hospiteira.

Pois naquelle triste dia, muitos cavalheiros que da provincia vieram a esta cidade—para assistirem á chegada do sr. conselheiro João Franco, tomarem parte no banquete que lhe era offerecido, ou trazidos por outros motivos que nos não é dado esmerilhar—foram victimas de apupos e enxovalhos que lhes fizeram duvidar se estavam em terra civilisada ou em territorio ainda mergulhado nas trevas do selvagismo.

O facto echoou na provincia e algumas camaras e associações resolveram dirigir se ás corporações suas congeneres lamentando os desagradaveis acontecimentos. Da moção que a este respeito lhe enviou a camara municipal de Guimarães, occupou-se na sua sessão de hontem a camara d'esta cidade.

Ora, desde que houve quem envergonhasse o Porto e maculasse os seus brios, é digna de louvor toda a iniciativa tendente a restabelecer os nossos creditos de cidade hospiteira, civilisada e delicada para todos os seus visitantes, e afirmar bem alto que não foi o Porto trabalhador, sensato e leal quem enxovalhou os seus hospedes. Aquelles que emporcalharam os brazões d'esta cidade não podem ser portuenses.

Animados pelo louvavel desejo de exprimir o seu desgosto por tudo quanto de desagradavel praticaram alguns disculos; e protestar contra actos só dignos de «boshismen», os snrs. Antonio de Lemos, Antonio Simões Lopes e João Pinto Nogueira, zavalheiros muitos conhecidos e considerados no Porto, constituiram-se em commissão para espalhar por diversos locais umas folhas que podem ser assignadas por todas as pessoas que lamentam e sentem as desconsiderações contra alguns cavalheiros de fóra do Porto, perpetradas no dia 17 do corrente.

Essas listas são encimadas pelo seguinte:

PROTESTO

Os abaixo assignados, habitantes da cidade do Porto, magoados profundamente pelo modo incorrecto como foram desconsiderados os cavalheiros, que de fóra d'esta cidade, vieram assistir ao banquete offerecido ao ex.º sr. conselheiro João Franco, protestam energicamente contra tão ignominioso facto e declaram terminante e categoricamente que repellem qualquer parcella de solidariedade, que lhes queiram attribuir, com arruaceiros de tão baixa especie.

Porto, 22 de junho de 1907. Estão expostas listas para assignaturas expontaneas de todos os cidadãos que o desejem, nos seguintes locais:

Rua do Almada, 252; rua das Flores, 120; rua do Mousinho da Silveira, 71; Praça de Carlos Alberto, 126; Praça de Carlos Alberto, 115; rua de Santo Antonio, 18; rua de Passos Manuel, 65; rua do Almada, 123; rua dos Clerigos, 66; Largo dos Loyos, 12 e 13; Praça de D. Pedro, 40; Praça de Carlos Alberto, 31; Praça de Carlos Alberto, 15 e 16; rua de Santa Catharina, 156; rua de Santa Catharina, 271; rua de Cedofeita, 210; Praça de Almeida Garrett 30; rua de Santo Antonio, 189; rua de Sá da Bandeira, 118; rua Formosa, 321; Largo de S. Domingos, 65; rua de Sá da Bandeira, 122; Praça de D. Pedro, 42; Associação Commercial, Associação Industrial, Atheneu Commercial, Centro Commercial, Club dos Fenianos, Club dos Girondinos, Club Portuense.

# ANTIGO ARMAZEM DE VILLA POUCA

CAMPO DA FEIRA—GUIMARÃES

Seraphim Ferreira Borges Nogueira, actual gerente d'este armazem, primando em seguir a conducta dos seus anteriores e manter inalteravel os creditos da casa, creada por um dos mais nobres titulares d'esta cidade, vem annunciar que tem á venda os especiaes vinhos maduros do Alto Douro, engarrafados e a retalho; figos da mesma precedencia; geropiga; cascas de pecego; queijo; pasteis; doce de prato; e diversas iguarias para sobremeza.

Especiaes vinhos verdes das mais afamadas quintas d'este concelho e do de Basto, e para mais illucidação dos seus numerosos amigos e freguezes resolveu collocar, na frente do predio uma bandeira, annunciadora dos dias em que ha variedades de acepipes para todos os paladares.

Este reclame, não é valida que, *todos os dias*, se preparem saborosas petisqueiras que o freguez desejar.

Boa cosinha, bons quartos e preços muito modicos.

## GRANDE OFFICINA DE CARPINTARIA

DE

### IGNACIO JOSÉ DE SÁ

79—Rua das Lamellas—81

(PROXIMO AO TRIBUNAL)

GUIMARÃES

Encarrega-se de todos os trabalhos de carpintaria, desenhos e orçamentos.

Especialidade em construcção de *charrettes*

CONSTRUÇÕES DIVERSAS

Venda de madeiras de todas as qualidades

Ferragem e pregaria

PERFEIÇÃO ECONOMIA E RAPIDEZ.

## FABRICA

DE

### FUNDIÇÃO E SERRALHERIA VIMARANENSE

GUIMARÃES

N'esta antiga e acreditada fabrica, recentemente mudada da rua de Gil Vicente para a rua de Payo Galvão, d'esta cidade, notavelmente melhorada, executam-se pelos processos e modelos mais em evidencia nas principaes cidades estrangeiras, todas as obras de ferro forjado e fundido, taes como: portões, gradeamentos, canalisações, prensas para lagares, arados, bombas para poços, cosinhas para lenha e carvão, cruces e emblemas funerarios para cemiterios.

Variado sortido de camas, bacias, jarros e baldes de ferro zincado e toda a mais obra concernente á arte de serralheria.

Annexo á fabrica, e em depositos separados, ha uma grande e variada collecção de colchoaria, executada sob a mais rigorosa indicação da sciencia medica.

Garante-se a seriedade nas transacções e a modicidade de preços

O PROPRIETARIO,

José Mendes de Castro.

## VENDE-SE

A Quinta de Selho de Cima, situada na freguezia de S. Miguel de Creixomil, d'este concelho.

Paga de renda 9 carros de medidas.

Tem muita agua e fica junta á estrada real de Guimarães a Villa Nova de Famalicão, no logar da Pisca, a pequena distancia d'esta cidade.

Quem pretender pôde dirigir-se para informações á Administração do «Independente».

## “O CERA DE MILHO,”

Que é o melhor destruidor dos Ratos, Ratazanas, Toupeiras e Ralos, vende-se nas principaes pharmacias e drogarias do paiz.

O seu deposito geral no Norte do Paiz é no Porto na drogaria Lopes, R. das Flores 30.

Não ha depositos nas provincias, deixando pois de ser depositario em Guimarães a Pharmacia Alves Mendes.

## Vermifugo Borges

Como remedio sempre certo e infalivel na expulsão de todos os vermes do canal intestinal, o—*Vermifugo Borges*—deve ser receitado, pela Ex.<sup>ma</sup> Classe Medica, com a maxima confiança e acceite pelo publico, como um dos melhores medicamentos contra vermes; é d'incontestavel efficacia e de facil applicação. Tanto em adultos, como em creanças o—*Vermifugo Borges*—não tem rival, sendo considerado, por distinctissimos medicos, superior a todos os vermifagos que nos vêm do estrangeiro.

Numerosos attestados.

Preço d'um frasco 210 reis  
Por duzia tem desconto  
Deposito em Guimarães  
Pharmacia Alves Mendes.

Todos os pedidos de v ser dirigidos á Pharmacia Bormges, Santo Thyroso.

## JOH. HITZEMANN

49, RUA DAS FLORES, 51—PORTO

Telegrammas—ALPHA PORTO

Telephone—N.º 356

Machinas a vapor, Turbinas a vapor, Caldeiras

Transmissão de força por electricidade da casa OERLIKON

Representante de ERNEST GREIHER & C., em Manchester

Máquinas de fição, construcção **Tweedales & Smalley.**  
Teares para todos os generos de tecidos lisos, machineta **Jacquard.**  
Installações completas de branqueamento, estamparia, tinturaria e acabamentos.  
Cardas, machinas para acabamento de flanelas; patente **Monfols.**  
Apparelhos de tingir algodão ou lã em rama, meadas ou bobinas, **Patent Obermaier.**

Machinas de seccar algodão ou lã **PATENT SLHILDE**

Calandras e machinas de acabamento da casa Weisbach em Chemnitz

Installação e transformação de fabricas de moagem, da Casa **DAVERIO—ZURICH**  
PLANTAS E ORÇAMENTOS GRATIS

Deposito de todos os utensilios para fabricas

Agente em Guimarães

João de Castro Mendes da Cunha

## CASA COMMERCIO E INDUSTRIA

W DE W

JOSÉ AUGUSTO FERREIRA DA CUNHA

27—Rua Nova de Santo Antonio—29

Especialidade em CTELARIAS GROSSAS E FINAS da fabrica de Guimarães

Pentes de chifre. Canalisações e accessorios.

Ferramentas para diferentes misteres.

Todas as materias primas para a industria metallurgica etc.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

Agente da Sociedade Portuguesa de Seguros



BURYS & Co  
SHEFFIELD

BURYS & C., LIMITED

SHEFFIELD—INGLATERRA

RECOMMENDAM ao publico limas e ferramentas das suas marcas, fabricada de aço fino superior cuja fama levou a sua fabrica a ser, sem contestação, a principal exportadora de Sheffield, n'este ramo de industria. Cuidado com as imitações!

## TYPOGRAPHIA

W DE W

ALBANO PIRES DE SOUSA

Rua da Rainha, 120 e 122—GUIMARÃES

Esta typographia, a primeira d'esta cidade e que possui aproximadamente duzentas colleções de diferentes typos encarrega-se de todos os trabalhos concernentes a arte typographica, a preços baratissimos.

## ESTABELECIMENTO DE VIVERES E DE SEMENTES DE HORTALICES

DE

JOSÉ JOAQUIM VIEIRA DE CASTRO

17—Rua de S. Damaso—19

GUIMARÃES

(ANTIGA CASA SEQUEIRA)



DEPOSITO DE POLVORA DO ESTADO

AGENCIA DA COMP. DE SEGUROS CONTRA

FOGO A PORTUENSE

Neste antigo e bem acreditado estabelecimento, encontra-se sempre um bom sortido de fazendas de mercearia, e vendem-se sempre por preços muito commodos; alem d'outras especialidades, tem sempre, e das melhores qualidades, bacalhau, arros, azeite de Traz-os-Montes e de Coimbra; stearina, chá, cafe e assucar. Baga de sabugueiro para dar cor ao vinho, rafia para atar vides, e deposito de enxofre e sabão. Vinhos finos das melhores qualidades  
Espera merecer a attenção do publico.